



Editorial

4 VINÍCIUS
PEREZ

11 MARCO AURÉLIO
SOUZA

8 MATEUS
RIBEIRETE

15 JOÃO LUIS JR.

14 BOLÍVAR
ESCOBAR

Há tempos ambicionávamos uma edição que tivesse o humor como seu ponto de concentração. Ou, como os professores de cursinho gostam de dizer, que exigisse atenção aos comandos das questões. Sempre consideramos o potencial do nosso periódico para a farsa e o fracasso com chapéu panamá – o que achamos engraçado, lúdico, vaudevillesco, degradante. Vampeta dando cambalhota na rampa do Planalto é nosso herói. Uma galinha caipira no ombro de uma adolescente é subtexto. “A nível de” é nossa canção. Um impresso, em 2015, só faz sentido se for o restaurante onde cada um come o que gosta.

Humor é não escapar da fraqueza, é tentativa de glória repentina, via privilegiada na tentativa de compreender o mundo (e se dar mal nisso), o risco iminente de erro. Não há como dominar os procedimentos de fabricação. Quem são, em nossos tempos, os alegres loucos do faroeste?

Ninguém pode estar a salvo de ser objeto de escárnio. É preciso rir do discurso e do contradiscurso, da monogamia e da poligamia, da interação com animais de pequeno porte e dos grandes satélites orbitando no espaço. Dos fanáticos e dos moderados. Duvidar dos bons sentimentos, ridicularizar quem tem mais privilégios.

É a crise. É a grande colheita.

O humor é o que nos difere, principalmente depois das três da manhã, único bar aberto da cidade, um cara de quase 1,90 perguntando se você gosta de cu. Gosta?

Poucas coisas podem ser tão engraçadas como insistir com um jornal de literatura.

Repetimos piadas.

Boa leitura a todos.

18 MARCELO
MARCHI

24 ANA
GUADALUPE

19 MARCO ANTONIO
SANTOS

21 CAMILA VON
HOLDEFER

expediente

Fundado em setembro de 2010.

Editor Daniel Zanella

Editor-Assistente Ricardo Pozzo

Revisão Mateus Bimbodoro

Ombudsman Ben-Hur Demeneck

Projeto Gráfico Marcell Mengarda

Impressão Gráfica Exceuni

Tiragem 3500

Edição finalizada em 4/11/2015.

errata

O ÚNICO ERRO FOI NÃO
TER DADO VALOR PRO QUE
EXISTIA ENTRE NÓS

JULIANA POR FAVOR ME DÁ
MAIS UMA CHANCE

EU TE AMO

ilustrações

As ilustrações da capa e contracapa
dessa edição são do Ricardo Tokumoto,
o Ryot – <http://ryotiras.com>

quer ilustrar para o **RelevO**? escreva
para jornalrelevo@gmail.com

interwebs

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

 /jornalrelevo

@ jornalrelevo@gmail.com

Enclave, a newsletter

Enclave é a nossa newsletter quinzenal editada por Mateus Ribeyre, idólatra de Totti e animais de pequeno porte. Em linhas gerais, é uma turnê de força por assuntos ocasionais do meio cultural, com apelo ao hipertexto: em um clique você pode ir de Edward Hopper a futebolistas-Pókemon.

Para assiná-la, basta acessar:

<http://jornalrelevo.tumblr.com>

prestação de contas out/15

ANUNCIANTES

R\$ 50 Loteria Avenida; Avon; Ehlkefarma; Fisk; Joaquim; Torto Bar; Arte & Letra; **R\$ 100** Editora Penalux; **R\$ 120** Escola da Escrita; (total R\$ 570).

ASSINANTES

R\$ 50 Fernando Severo; Camie Van der Brug; Gabriela Wegner; Alina Prochmann; Felipe Gaio; Juliana Meira; Clemilton Carvalho; Celso Alves; Afonso Castro Gonçalves; Catarina Lysak; Divaldo Gilioli; Faena Rossillo. **R\$ 100** Celso Martini; Sieglinda Zanella (total R\$ 800).

CUSTOS

Assinaturas: R\$ 200
Distribuição: R\$ 100
Impressão: R\$ 1.000

Receita total: R\$ 1.370
Custo total: R\$ 1.300

BALANÇO: R\$ 70

Assine

O **RelevO** nunca foi reconhecido por ser bom na arte de fazer negócios. Por isso, nós dependemos tanto do apoio dos assinantes.

O que fazem os assinantes? Por R\$ 50 ao ano, recebem os exemplares no conforto de suas humildes residências. E é bem simples: basta enviar um email dizendo: “Como faz?”. Nós damos as coordenadas e a mágica acontece.

da Enclave #20:

O Experimento Rosenhan, de David Rosenhan, é certamente um dos mais curiosos estudos entre publicações científicas sérias. Isso porque o trabalho, divulgado em 1973 sob o título Sobre ser são em ambientes insanos, apresentou um método bastante direto de questionar a própria validade do diagnóstico psiquiátrico.

Para tanto, oito pessoas – Rosenhan incluso –, foram aceitas em 12 manicômios diferentes nos Estados Unidos após simularem alucinações auditivas de vozes que proferiam palavras vagas. Entre profissionais da área e gente nada relacionada, nenhum continha histórico de distúrbios mentais, e todos usaram pseudônimos. A instrução para o experimento era clara: uma vez dentro, todos se comportariam da maneira mais normal, saudável possível, desde cedo alegando não ouvir mais voz alguma. O diagnóstico caberia às instituições.

Essas instituições, demograficamente variadas, levaram de sete a 52 dias para liberar todos os pseudopacientes, gerando média de 19 dias de estada. Todos foram devolvidos à sociedade com o diagnóstico de esquizofrenia em remissão, fato utilizado para Rosenhan argumentar como doenças mentais são tratadas como irreversíveis e estigmatizantes. Nenhum dos infiltrados foi descoberto, ainda que tenha havido suspeitas (por parte de outros pacientes, e não de funcionários). O autor não poupou críticas ao tratamento recebido pelos internados.

No ambiente do manicômio, segundo Rosenhan, é impossível distinguir o são do insano. Verdade ou não, a relação do homem com a validação subjetiva certamente ficou mais exposta.

próxima edição

Laerte

Vanessa Rodrigues

Maira Parula

Assionara Souza

Cartas do Leitor

NOVEMBRO NAS BANCAS

Fernanda Borges: Eu quero!

DA REDAÇÃO: *Sim! Vamos resolver isso aí, Fernanda. Você pode assinar o jornal ou a gente vê um jeito do jornal chegar até suas mãos através de métodos pouco ortodoxos, como música hindu.*

DEMANDAS

Rui Werneck de Capistrano: Quero pegar na calada da noite o revisor que não publicou meu texto.

DA REDAÇÃO: *O nosso revisor comete este tipo de ato para que os eventos aconteçam.*

OCTORBER

Rômulo Candal: A edição está linda, mas não estou conseguindo ler graças a um grupo de umas 20 pessoas fazendo um protesto ao lado de onde trabalho, entoando cânticos como “polícia federal / orgulho nacional” e “uê, uê, uê / fora PT”. Sugiro uma seção que indique os locais e horários mais adequados para a leitura do periódico.

DA REDAÇÃO: *Nossa equipe fez um levantamento profundo de sua consideração, Rômulo, e chegamos à conclusão que o melhor momento para ler o RelevO é no ônibus Curitiba-Areia Branca, terça-feira, 14h35.*

Junior Bellé: Porra, que time!

AMARA MOIRA

Fernanda Benini: Posso revelar pra ela que fui eu que indiquei a leitura? Ou fica muito chato?

DA REDAÇÃO: *Poxa, Fernanda... Estragando o rolê.*

CAMPANHA ENCLAVE +
ANTOLOGIA RELEVO 5 ANOS

Alina Prochmann: Eee! Eu já sabiaaa. É tetraaa.

Priscila Lira: Os melhores e-mails quinzenais.

ESCRUTÍNIO PRA VIVER

Alvaro Borba: Submeti uns versos ao **RelevO**. Contra todas as minhas expectativas, publicaram.

DA REDAÇÃO: *Nosso jornal é especialista em quebrar expectativas, Alvaro, principalmente as positivas.*

NÃO SAIU?

Wilson Assen Chales: E a coluna Cenas Urbanas, de Daniel Zanella?

DA REDAÇÃO: *Foi descontinuada. Desligada. Entrou de férias. Corte de custos. PT. Conjuntivite. Novos projetos.*

PRA PENSAR

Carlos Vianna: O jornal seria mais legal se fosse colorido.

DA REDAÇÃO: *Sabe o que seria mais legal, Carlos? O amor entre todas as pessoas do planeta.*

Anuncie!

Há muitas razões para anunciar no **RelevO**. Nossos anúncios são bonitos, feitos por artistas plásticos de coração bom e que atravessam na faixa.

Custam pouco – entre 50 e 100 reais – e o anúncio é visto por 3 mil leitores no impresso e aproximadamente 12 mil na edição online. Além de tudo, sua empresa ou empreendimento pessoal auxilia a nos manter independente e longe dos precatórios.

Anunciar aqui é simples *demais*. Como sempre, basta entrar em contato por email ou enviar sinais de fumaça.

The Cucuruccino Incident

VINÍCIUS PEREZ

Hoje caminhava tranquilamente pelo Shopping Praia de Belas quando deparei-me com o estabelecimento Chungo Brasil.

Primeiro, se você me permite, gostaria de uma breve digressão sobre o shopping Praia de Belas e a própria instituição "shopping": me sinto extremamente confortável no Praia de Belas (maldosamente apelidado de "Pobre de Belas", devido aos frequentadores de classes mais baixas), um conforto de casa da mãe, de praia – você não precisa estar tão bem vestido, não há uma equipe de seguranças rígidos como nos shoppings mais elitizados (mentiria se dissesse que nunca peguei um copo vazio da praça de alimentação para tirar vantagem do refil infinito do Burger King, por exemplo), muito embora shopping em geral normalmente seja um lugar que me deixe confortável e feliz. As pessoas tratam como um templo ao capitalismo e artificialidade, porém eu acho bom um lugar com ar condicionado e uma variedade de coisas pra comer. Hoje eu queria comer um docinho.

No recentemente inaugurado terceiro andar foi onde encontrei a Chungo, uma "gelateria argentina", segundo as palavras talhadas no balcão do quiosque. Estudei o cardápio atrás do funcionário – um gentil rapaz de boininha parisiense (parte do uniforme) e piercing no nariz (acervo pessoal) – e logo meu paladar infantil e

meu deslumbramento ainda mais infantil decidiram unanimemente que o sabor seria: dulce de leche cucuruccino. "O que é cucuruccino, Gimi?", você me pergunta. Eu não sei, ué. Mas fala em voz alta, fala baixinho cu-cu-ru-cci-no. Cucuruccino. Paguei os nove reais e cinquenta pelo potinho pequeno e sentei ansioso aguardando o sorvete. A fome de doce, quando bate, é feroz e ágil, ataca à moda blitzkrieg: todo seu corpo vira refém da fominha de doce, você se sente incapaz, toda atividade fica inviável, você fica desconfortável no seu próprio corpo, cada segundo parece levar uma hora para passar. A sensação é que sua pele está enrugada, como quando você coloca uma jaqueta sobre uma camiseta de manga comprida e essa embolota dentro da manga do casaco: você só quer abrir um zíper e sair da sua própria pele, ficar só a carne viva. E, se tudo isso não fosse o suficiente, às vezes o seu pinto – desrespeitando a lógica e a gravidade – começa a ficar duro. Todavia, o atendimento aqui foi rápido e em menos de um minuto o potinho de sorvete já estava em minhas mãos.

Sentei num banquinho e, sem muita preliminar, levei a primeira colherada de sorvete até minha boca. O sorvete era denso e o gosto era de doce de leite mesmo. Muito saboroso. A colherinha plástica envergava tamanha a densidade do doce de leite. Mas algo me incomodava: cadê o cucuruccino?

Fui comendo e estudando a sobremesa: era só doce de leite. Nada de cucuruccino. O que se faz agora? Cogitei em chamar o garçom e falar:

— Garçom, cadê o cucuruccino?

Mas, como comia possuído pela fominha de doce, pouco do sorvete restava no potinho e eu temia que o garçom respondesse:

— Senhor, o senhor comeu todo cucuruccino e quer aplicar um golpe? O senhor está mentindo? O que o senhor fez com o cucuruccino?

Fiquei nesse impasse, nesse dilema, sem cucuruccino. Peguei o celular e pesquisei "cucuruccino" no Google. Nada. "Você quis dizer 'cucurucho' 'capuccino' 'cocoruto'". Não. Eu quis dizer CUCURUCCINO. Senti uma vertigem e cogitei a possibilidade de: eu ser louco. Eu sou louco. Não existe tal coisa, não há cucuruccino no mundo. Cu-cu-ru-cci-no, como palmadas empolgadas em um bongô. Cu-cu-ru-cci-no, como um pássaro cantando na sua janela. Cu-cu-ru-cci-no, o som de crianças pulando na piscina no fim da tarde.

Finalmente chamei o garçom, respirei fundo e falei:

— Opa! Tem como trazer mais um sorvetinho de dulce de leche cucuruccino? Ah, tem como caprichar um pouquinho mais no cucuruccino, não veio muito nesse.

Minutos depois ele trouxe um novo potinho de sorvete, esse transbordando cucuruccino. É tipo um biscoito.

Ben-Hur Demeneck

Oito dígitos para atravessar mares

A “0028-792X” publicou *Hiroshima*, de John Hersey. A “0014-0791” veiculou *Frank Sinatra está resfriado*, *opera magna* do Novo Jornalismo de Gay Talese. Na França, os leitores da “0298-3788” a chamam pelo diminutivo *Les Inrocks*. O satírico “1240-0068” virou alvo de um atentado que vitimou os cartunistas Charb e Wolinski, gerando manifestações globais pela liberdade de expressão.

Embora tenha comemorado cinco anos de circulação, o jornal **RelevO** ainda não possui ISSN. Sigla de “International Standard Serial Number”, em português o termo se traduz para “Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas”. A partir desse código de oito caracteres, pode-se recuperar muitas histórias da literatura, do jornalismo cultural e do cartunismo.

A crítica da Europa deve muito a suplementos de jornalões, como o do alemão “0174-4909” e do espanhol “0213-4608”. Na América Latina, a imprensa nanica encanta pela ousadia, caso do “0327-1706”. Por 25 anos, o título se espalhou desde Buenos Aires e Rosário sob a edição de Daniel Samoilovich. De três em três meses dedicava umas 40 páginas a obras de poetas.

A brincadeira com algarismos ilustra o quanto o ISSN aparece em todo lugar. Em sequência, citamos as revistas *The New Yorker*, *Esquire*, *Les Inrockuptibles*, os jornais *Charlie Hebdo*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, *El País* e o *Diario de Poesía*. O motivo de essas produções se curvarem a um código de barras tem a ver com documentação, expansão da distribuição e, sobretudo, porque elas almejam ter impacto cultural em terras distantes.

O ISSN identifica e individualiza mais de 1 milhão de títulos de publicações seriadas ao redor do mundo. Não importa o idioma, não importa qual seja o suporte físico. A partir de Paris, a rede de certificação integra cerca de 88 centros nacionais e regionais. No Brasil, desde 1980, quem se responsabiliza pela concessão do número é o IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – <http://www.ibict.br/>).

Por sobraem motivos para singularizar qualquer publicação diante da comunidade internacional, questionamos por que este jornal literário não estampa um ISSN. A resposta foi animadora. “Nós não temos ISSN ainda, mas estamos providenciando a documentação toda para este mês de novembro”, respondeu o editor-chefe Daniel Zanella. “A edição de dezembro deverá ter esses dados no expediente”, prometeu. É uma ótima notícia para nós que queremos atravessar mares.

Perigo dos medalhões

Em carta à redação, um autor reclamou do novo projeto gráfico e da diminuição em 25% da quantidade de páginas. Para ele, o **RelevO** “deixará de publicar novos autores e passará a dar espaço somente para medalhões, como todos os outros jornais do segmento”. O autor-leitor tem uma preocupação válida e deve permanecer atento. Quanto ao corpo editorial, ainda precisará de um tempo para convencer o leitorado e os colaboradores de que acertou.

Na contramão dos receios, a última edição manteve experimentações que caracterizam o impresso –

ficção, poemas eróticos, respostas espirituosas a leitores, artigo acadêmico, texto cujo fluxo manda os sinais de pontuação às favas, diálogo epistolar com aquele vagar das diligências confiadas a carteiros, humor anarquizando até referências literárias com piadas de salão e traumas históricos etc.

Ainda que (no país do pistolão) sempre caia bem chamar um medalhão para reconhecer a firma alheia e (em qualquer lugar do mundo) o “ibope” tenda a seduzir publishers, o **RelevO** tem descumprido tais estratégias de alpinismo. Isso não significa que você, prezado leitor, vá deixar de enviar sugestões para que o jornal continue comprometido com o experimentalismo e a pluralidade. Mande já o seu recado.

Assinantes e mecenas

Os produtores do **RelevO** abriram uma questão interna com este ouvidor – “os assinantes devem receber o jornal antes dos leitores que têm acesso aos pontos de distribuição, considerando que o jornal circula gratuitamente?” As alternativas dividem o grupo.

Meios de comunicação sem fins lucrativos vivem diante do impasse de conceder ou não privilégios a apoiadores. Numa época tiranizada pelos valores do mercado, eles se ocupam em alcançar a independência econômica e sabem que a globalização pós-1989 totalizou a figura do consumidor e esmoreceu a do cidadão.

Hoje, o indivíduo que paga cinquenta reais para blindar e personalizar seu smartphone, pode considerar um desaforo bancar uma publicação

cultural pelo valor equivalente. Em compensação, ainda existem os protetores dos periódicos literários.

Os assinantes apostam na preservação dos espaços de artifício e fantasia, e acorrem à mídia certa. Um jornal gratuito é o canal por excelência para promover hábitos em desuso (ex.: esmiuçar ideias, cultivar laços de solidariedade, democratizar conhecimentos sem fazer demagogia). O difícil é descobrir como expandir essa rede de mecenato.

Letras negras

Recomendo o livro *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica (1960-2000)*, de Mário Augusto Medeiros da Silva (Editora Aeroplano, 2013, 688 p.). Além de ser uma aula de metodologia científica e um retrato de paixão acadêmica, apresenta e contextualiza autores fundamentais para pensarmos o Brasil em que vivemos. A obra recebeu algumas honras, entre elas o “Prêmio para Jovens Cientistas Sociais de Língua Portuguesa”, concedido pela Universidade de Coimbra. A tese que deu origem ao trabalho pode ser baixada gratuitamente pela Biblioteca Digital da Unicamp (<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>), desde que se faça um cadastro com e-mail. Para facilitar o acesso, fizemos um link direto –http://bit.ly/ombudsman_bhd. Um alerta: A descoberta do insólito é livro para se ter um exemplar em cada biblioteca do país.

Por que não fico famoso

“Eu não gosto de ler. Só gosto de escrever” (Anônimo).

Hey!

HEY!

Comedy Show,
todas as sextas
(de novembro [de
2015]), 20h, no
DamaDame.
Rua Tenente João
Gomes da Silva, 148.
Entrada: R\$5.

Anderson Maschio

ESTAÇÃO BRASIL

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO
E-PARANA | AM 630
DOMINGO | 13H

LOTERIAS
AVENIDA

AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

'SOMOS TODOS MEMBROS RUBROS'

Anderson Maschio

3552-1542 3552-5895

CENTRO EDUCACIONAL

AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO - ARAUCÁRIA/PR

3642-3690 3031-7040

FISK

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

TODA LETRA

TODALETRA.COM.BR

Alan Amorim



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo - livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais: originais@editorapenalux.com.br

ESCOLA DE ESCRITA



Aperfeiçoamento textual
Aperfeiçoamento linguístico
Redação criativa
Oficina de criação poética
Oficina de crônicas
Edição e revisão de texto

ESCOLADEESCRITA.COM.BR 041 3114-7100 CONTATO@ESCOLADEESCRITA.COM.BR

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

Alan Amorim
AL. PRESIDENTE TAUNAY, 301, FUNDOS DA CASA DE PEDRA, BATEL
- CURITIBA-PR (41) 3039-6895



CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3585-5161



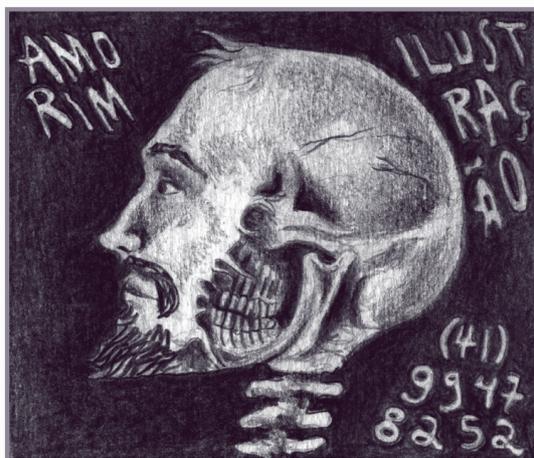
Editora Kotter

PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
ARAUCÁRIA-PR



Farmácia

Luiz Otávio Prendin Costa



Alan Amorim



LIVROS | VINIS

JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

O Italiano Comedor: *um choque de realidade*

MATEUS RIBEIRETE

Doze anos e alguns meses atrás, Milan e Juventus faziam a final da Liga dos Campeões. Não se engane pela Juventus finalista da última edição: nota-se facilmente como o futebol italiano decaiu e



Delpi, Vieri e Totti em plano americano e câmera lenta: época de ouro (Corriere.it)

se descaracterizou. Minha teoria absolutamente científica propõe que tamanha derrocada não ocorreu graças à falta de estrutura, estádios vazios, desorganização, violência urbana, escândalos, Berlusconição, displicência técnico-tática, comodismo e o design geral da Rai, mas sim pela safra ruim de novos italianos comedores, incapaz de substituir a geração imponente das duas últimas décadas. Por isso, apenas por isso, a Serie A, hoje, é um produto inferior

à Premier League; menos lucrativo que as 38 rodadas de Superliga Real Madrid-Barcelona; mais sem graça que a Liga Bauhaus, Francesão e até Eredivisie, onde é comum notar placares semelhantes a jogos de tênis.

Situemo-nos, pois: o Italiano Comedor (doravante I.C) é o atleta cabeludo e marrento que joga de gel (opcional) e tiara ou elástico capilar (essencial), provavelmente mangas longas e outros utensílios. Desenvolveu-se após o marcante período do Milan holandês, Inter alemão e Napoli maradonista, no início do futebol moderno, notabilizando-se na ascensão de Parma, Lazio e Roma no fim do século XX. Aperfeiçoou-se ao longo da década passada, principalmente em Milan e Juventus, para performar o que parece ser seu canto do cisne na Copa do Mundo de 2006, mórula do futebol pós-moderno. Hoje, o I.C corre perigo – ele se aposentou, engordou, casou-se ou foi preso.

Fora dos gramados, o Italiano Comedor nunca é visto sem óculos escuros, roupas de grife e namoradas famosas. Não disfarça o trejeito de

quem corteja as esposas de todo o mundo. Afirma compromisso com três mulheres ao mesmo tempo, mas ao invés de levar a culpa, elas brigam entre si. Arranja pretextos para aparecer de cueca. Não tem mera cara de mau, mas a cara do mal. Seu nome no Google encontra mulheres que ele já scudettou. A história da Serie A desde a década de noventa manteve nos I.Cs seu pilar gradiloquente, tanto nos mais brilhantes em campo, como Buffon e Nesta, quanto nos irrelevantes porém importantíssimos à função sócio-mercadológica, como Stefano Mauri e Paolo Castellini.

Vejamos na imagem a seguir, por exemplo, Luigi Sartor, ex-lateral meramente inexpressivo, sendo preso por, óbvio, apostas irregulares.



Fiu fiu fiu fiu, u friscaletto. E tipiti tipiti ta. (IlGiorno.It)

A jaqueta parece inacessível ao seu salário anual? O cabelo é mais bonito que o seu? Você consegue sentir, pela foto, que ele havia passado um perfume com cheiro de nuvens, prostitutas e ouro? Quem parece mais preocupado, Luigi Sartor ou os dois guardas? Pode segurar os raciocínios consigo, eles serão usados daqui em diante para uma melhor ilustração da teoria.

Mártires

Pouco após o fim da carreira, Francesco Coco, um Heidegger da ideologia Futebol e Cocaína, foi flagrado em fotos comprometedoras

num barco, acompanhado de outros homens, todos despidos como a careca de Adriano Galliani. Ao contrário das acusações sexuais impulsivas a que foi submetido, o fato apenas comprova sua audácia enquanto I.C: quando um ser

humano come todas as maçãs de um cesto, ele parte para outras frutas.

Trata-se de um ex-atleta com mais modelos milionárias no currículo do que gols, e isso não é hipérbole alguma, pois segundo a Wikipedia ele coleta apenas três tentos em ligas nacionais. Numa possível confusão espiritual com Francisco Cuoco, Coco tentou carreira de ator logo aos trinta anos. Ele, que aparentemente nunca gostou de jogar bola, conseguiu ser dispensado do Manchester City pré-dinheiro infinito antes mesmo de assinar, por ter fumado na concentração. Herói.

Certa vez, o programa de pegadinhas Scherzi a Parte testou Francesco Totti ao levá-lo a um restaurante e deixá-lo a sós com uma notável donna. Sem devaneios, ele estava prestes a FAZER AMOR com ela em plena mesa de refeições, até a brincadeira ser revelada. Você imagina a mesma atitude partindo do Giovinco, do Giaccherini, ou mesmo do Aquilani? Eis a única

razão pela qual o futebol italiano perdeu sua famosa mentalidade vincente. Você acha que o Montolivo, um jogador ateu, passa pelo ritual corriqueiro ao I.C de jurar à mulher em nome de Deus que tudo que ela andou lendo na imprensa sobre supostos affairs são apenas invenções?

O próprio Totti, diga-se, perdeu seus poderes em 2006, pois – observe –, ficaria de fora da Copa do Mundo por lesão, não fosse um pacto que o obrigou a cortar os longos cabelos para curá-lo até o torneio. Não por acaso, a segunda parte do acordo veio com a Chuteira de Ouro da temporada seguinte. Mesmo pacto realizou Fabio Cannavaro: para ser monstruoso na copa e melhor do mundo, o zagueiro ex-I.C abriu mão de seu corte Italiano DOC. Só não vê quem não quer.

Por que Panucci, voando em campo, não foi à Copa, e Zaccardo, que até fez gol contra, estava lá? Esqueça a conspiratória teoria de que o lateral veterano havia brigado com Marcello Lippi; é fato inegável

que Zaccardo foi à Alemanha graças ao gel e tiara, enquanto Panucci, um caxias, sempre usou camisa por dentro dos calções. E Simone Barone? Alguém lembra de Simone Barone? Ele também foi campeão mundial, e diga-me, apenas diga-me, seria ou não seria um baita companheiro de Robert De Niro e Joe Pesci num filme mafioso de Martin Scorsese? Sem eles, não haveria tetracampeonato algum.

Lembremos então de Christian Vieri. Ah, o grande Vieri. Se Coco decidiu ampliar horizontes, o ex-atacante teve uma recaída e chegou a abandonar o estrelato do safadorismo. Mesmo: o bicho ficou careca e pançudo como o tio que joga bola de raider, mas logo se reabilitou. Goleador e revezador de namoradas, é uma referência. Seu herdeiro contemporâneo é o comedor Marco Borriello, entretanto, talvez pela falta de elástico no cabelo, Borriello não é tão eficiente nos gramados quanto

Bobo Vieri. É esse gap entre as gerações que afeta a qualidade do futebol italiano.

Além disso, ficou evidente a relação entre o nível dos ragazzi com a permissão de acessórios em campo (brincos, anéis, colares, fitas sem qualquer razão de ser, etc.) e a liberdade de tirar a camisa após um gol. Quando a Fifa cortou tudo isso, acertou um tiro de raspão no braço forte da Itália. Se um I.C não pode mais mostrar seu corpo descamisado na televisão, por que mesmo marcar um gol? O próprio Maradona já ensinou sobre a importância dos brincos para a Serie A.

É preciso, portanto, ouvir o artilheiro Vieri e ex-atletas medianísimos como Bernardo Corradi, Alessandro Lucarelli e Fabio Galante, pois eles têm muito a ensinar aos jovens. Se depender do cabelo à Jolteon de El Shaarawy ou da falta de swag do inocente Florenzi, a bota está em mãos piores que as de Dolce e Gabbana preenchendo impostos.

Análise



Rolando Bianchi:

1. Cabelo desfiado e, claro, tiara/elástico. O primeiro permite agilidade e técnica; o segundo traz aderência entre inteligência emocional e inteligência cinética. Alguns teóricos procuram estudar a relação entre cabelo, tiara e desempenho com os conceitos de id, ego e superego.
2. Não está frio o suficiente para usar mangas longas? O I.C jamais fardará sua camisa da maneira comum. Basta uma dobra indefensavelmente cem por cento estética.
3. É bom ter um elástico reserva, caso algum zagueiro maldoso arrebe o primeiro. O I.C é, acima de tudo, um cuidadoso.
4. Braçadeira de capitão, porque não há marra maior do que dizer que manda em todo o mundo.
5. Fitas e pulseiras. É preciso preencher os dois braços.

Índice comedorismo/talento: 10-5.



Christian Vieri:

1. Se você ainda não compreendeu o valor do elástico capilar até aqui, sugiro rever todos os seus conceitos sobre futebol italiano. Estima-se que este corte tenha custado mais que Cinema Paradiso.
 2. Camisa rasgada. Pode ter sido sem querer? Pode. Vieri pode ter rasgado por conta própria, buscando customização? Pode. Se foi sem querer, Vieri ficou feliz ao ver que sua camisa era, agora, customizada? Certamente. Perguntas retóricas a si mesmo irritam? Irritam. Me desculpo? Me desculpo.
 3. Pulseira, vide Bianchi.
 4. Tatuagem ridícula. E quem disse que Vieri se importa? Ninguém teve coragem de questioná-lo. Aliás, se Vieri tatuou "Friends For Ever" com fonte cursiva e maiúscula no antebraço, então é perfeitamente aceitável tatuar, no antebraço, com fonte cursiva e maiúscula, "Friends For Ever" - se você for Vieri.
- Índice comedorismo/talento: 10-9.**



Cristiano Doni:

1. vide Bianchi e Vieri.
2. vide Bianchi e Vieri.
3. vide Bianchi.
4. Anel protegido por fita, tal qual a lei permitia. Não por acaso, Doni jogou uma Copa do Mundo assim. (Para quem não lembra, esse também foi estilosamente preso no escândalo de apostas. Sentimos falta.)
5. Comemoração própria. “Customização” está para o I.C ordinário tal qual “E-qui-lí-brio” está para Tite, e “Cau-te-la”, para Celso Roth.

Índice comedorismo-talento: 7-7.



Francesco Totti:

0. A última Roma campeã de alguma coisa relevante tinha Delvecchio, Batistuta, Montella e Totti no elenco atacante. Todos cabeludos; ao menos três com tiara, elástico ou bandana. Coincidência? Não seja ingênuo, caro leitor.
1. Estava faltando a munhequeira.
2. No auge dos ICs, elásticos gritantes eram comuns.
3. O capitão sempre usou sua tarja de cabeça para baixo: customização.
4. Dois segundos após a foto, ele já estava sem camisa.

Índice comedorismo-talento: 10-10. (Atualmente, 5-9.)

Esperanças

Andrea Pirlo passou por duas grandes transformações na carreira: a primeira, quando Carlo Ancelotti o recuou no meio-campo e fez dele regista; a segunda, tão importante quanto, no momento em que deixou a barba crescer. Pirlo, sabemos, nunca se caracterizou como um I.C, mas sua sobrevivência à mudança de gerações se deve exclusivamente

à evocação voluntária de um dos maiores comedores da história: Al Pacino. Para repassar aos novos todo o conhecimento adquirido na convivência com a antiga safra de I.Cs, Pirlo virou Serpico, não por acaso um policial honesto em meio à corrupção de seu setor. Tornou-se um mestre, um guia. Por isso, também, refinou sua técnica em campo, mesmo em idade avançada.

Aliado a Gianluigi Buffon, único futebolista adepto de



Moreno Torricelli:

0. Um cara de nome Moreno e sobrenome Torricelli é automaticamente legal.
1. Dono de um dos cabelos mais espetaculares da Itália, Torricelli poderia facilmente ter entrado para o The Verve. A tiara está lá, claro.
2. Caro leitor, você está diante de um dos poucos cavanhaques respeitáveis já registrados.
3. Manga dobrada a 3/4. Cus-to-mi-za-ção.
4. Anel protegido, vide Doni.

Índice comedorismo-talento: 9-7.

PRESILHAS, Pirlo orienta nomes ainda indefinidos quanto à possível vocação comedorista. Montolivo e Aquilani, por exemplo, têm vocação para o cargo, mas parecem sonolentos demais, enquanto Osvaldo exagera na tentativa de ser o filho do Batistuta com o Johnny Depp. É necessário equilibrá-los. Já Borriello precisa de definição capilar para pôr sua carreira nos trilhos, e Marchisio, por sua vez, raramente aproveita sua estética privilegiada para

concourar Mario Balotelli.

Poucos I.Cs se arriscam enquanto treinadores. Uma exceção é Roberto Mancini, pioneiro no ramo, tão galã que conseguiu se passar por grande técnico durante quatro temporadas em Manchester - cidade das novas bandas que conseguem se passar por grandes bandas durante um disco. Um Robert Downey Jr. sem filmes redundantes, ele é a sobrevivência do comedorismo em cargos de tutela. Na Nazionale, o grupo vinha em boas mãos com o



classudo Cesare Prandelli, famoso pela semelhança a um pote de gel. O comando de Antonio Conte ainda é nebuloso: quem sabe sua

parecer um Corleone. Citados acima, El Shaarawy deve ser anexado a um cortador de grama, e Florenzi, a um El Shaarawy. No futebol italiano atual, o único a não demandar reajuste no índice comedorismo/talento é o hors

SPREZZATURA devolva a Serie A ao seu merecido lugar. Este assunto, portanto, ainda dará pano para mangas 3/4.

MARCO AURÉLIO SOUZA

menino lobo

Relendo pela vigésima ou trigésima vez a reportagem impagável que hoje repousa silenciosa em minha escrivania à espera, talvez, da hora em que receberá sua devida moldura e, como um troféu, será exibida com orgulho para as minhas eventuais visitas, ocorreram-me aqueles teóricos da pós-modernidade que, com o hermetismo que lhes é de direito, buscam nos convencer do entrelaçamento entre fantasia e realidade nas sociedades capitalistas avançadas. A este respeito, devo confessar que sempre desconfiei destes acadêmicos que enchem a boca para falar na obnubilção das fronteiras entre mito e história no mundo contemporâneo, porém, meu ceticismo rabugento se abalou mediante uma dramática experiência de observação *in loco* da proclamada diluição das fronteiras entre o real e o imaginário nas páginas, quem diria?, do maior jornal impresso da minha pequena cidade natal.

Eu, que com apenas oito anos já entendia que a tolice é feito um parasita vingativo e que, além do mais, recusando-me a ser chamado de lobinho pelos aspirantes a pedófilos especializados em dar nó de marinheiro, jamais engrossei as fileiras do clube dos escoteiros da minha cidade por pura aversão aos termos oficiais da instituição, nunca imaginaria que, mais tarde, desfilando em minha vida adulta, com ousadia & alegria receberia de bom grado a alcunha de menino lobo não apenas entre os pederastas aventureiros de plantão, mas também entre a grande massa de apicultores e produtores de tabaco que formam a população de róseas bochechas e orgulhosa ascendência bucovina da cidade de Rio Negro, sul do Paraná.

Ocorre que, preparando-me para o lançamento do meu segundo livro, vi-me perturbado por uma fofoca um tanto absurda, que chegou a mim através de um telefonema exaltado feito pela minha mãe. Com uma afobação estranha, ela me questionava sobre a estória que, àquela altura, já circulava pela cidade inteira, gerando um misto de comicidade e apreensão: a de que eu havia sido preso e, na cadeia, sofrido uma tentativa de homicídio. E que também tinha sido internado em uma clínica de reabilitação. E viajado ao Nepal com um bilionário hare krishna. E, o que é mais impressionante, tudo isto havia se dado num mesmo ano, o de 2013, sem que ninguém desconfiasse das aventuras a que me entreguei naquele período – digamos – tumultuado da minha vida, até então de aparência tão ordinária e banal. Nós estávamos no final de 2014 e, aos meus familiares, o que chamava atenção era, sobretudo, o meu poder de discrição.

É que o jornalismo (sic) rionegrense, num ato bastante louvável de bairrismo cultural, ficou sabendo do lançamento do meu romance e, interessado no evento, resolveu publicar uma matéria sobre este tão nobre “talento local”. Ocorre que, na pressa da redação, e à cata de uma biografia para figurar ao lado da minha fotografia, a gazetinha cometeu uma gafe terrível: no afã do mais primário Ctrl C + Ctrl V, alguém acabou copiando uma biografia fictícia, originalmente publicada no meu blog pessoal, na qual eu me propunha justamente a satirizar o gênero, exagerando em detalhes que continham, evidentemente, finalidades jocosas. Tudo bem que eu mencionava alguns elementos da minha trajetória real, como a formação acadêmica e as

publicações literárias, mas, para além de todos os dados já mencionados, acreditava não ter deixado qualquer margem para o erro ao afirmar uma identidade, no mínimo, extremamente peculiar. Explico: contrariando a origem comum dos membros de nossa espécie, de acordo com a minha biografia fictícia eu não havia sido criado por uma dessas famílias tradicionais que oprimem minorias neste Brasil imenso e plural, e sim por um atencioso e desprendido casal de lobos que, à revelia das diferenças animais e do conceito de família adotado pelas elites conservadoras do país, batalhava cotidianamente pela nossa união afetiva. Daí que logo eu me tornasse, na boca miúda do povo fofoqueiro da cidade, o menino lobo de Rio Negro, posto que os leitores do jornal, ao contrário da equipe de redação, jamais passariam em branco diante de acento tão pitoresco no dado biográfico. Frente aos apelos familiares, cheguei a cogitar uma retratação para a edição seguinte do periódico. Sentindo a dimensão da trollagem involuntária que eu havia cometido com o bem intencionado repórter da gazetinha, repensei a estratégia e, convulsivamente, passei a rir, rir aos montes, rir como um lobo criado por hienas, possivelmente batendo algum recorde obscuro da mais longa e ininterrupta gargalhada já proferida até então.

Mas se o mundo dá voltas, também é feito de idas e vindas. Tão rápido quanto abracei a hipótese de um mundo diluído pela vertigem dos discursos, também a percebi como, apesar de requintada, ineficiente na explicação do fenômeno. O caso era mais chão. O insight veio alguns dias atrás, em sala de aula, quando lecionava Roma Antiga para uma

turma de sexto ano, na área rural de Ponta Grossa. Deparados com a imagem de um monumento em referência à lenda de fundação da cidade, meus alunos ficaram intrigados com a criação pouco convencional de Rômulo e Remo. Num primeiro momento, quando, conforme minha predisposição para confundi-los, afirmei que se tratava de uma história real, pareciam desnorteados. Algum tempo depois, deglutindo o fato, meus pupilos pensaram melhor e, como era de se esperar, nenhum deles engoliu a abordagem literal do mito. Meus alunos não conseguiam acreditar que um homem pudesse ser amamentado por uma loba. Conteí a eles sobre minha excentricidade biográfica. Com os risos de incredulidade que eclodiam na classe, tive a certeza de que, afinal, o jornalismo de Rio Negro não tinha nada que ver com essa tal de condição pós-moderna e que, triste constatação, havia excessos na minha análise. Resolvi, portanto, fazer uso de uma afiada navalha de Ockham. Com isso, concluí solenemente em favor do bom senso. A história do menino lobo, finalmente percebi, não tinha qualquer requinte filosófico. Era mesmo um lance de quem nunca ouviu falar em figura de linguagem. Daquele tipo de gente que, lendo este relato, é bem capaz de acreditar que, alimentado pela teta macia de uma loba carinhosa, eu gastaria o precioso tempo que me sobra nesta vida tão breve para falar dos simplórios habitantes desta pasmaceira a que costumamos chamar de realidade. Só mesmo se – ficção das mais inverossímeis – eu não tivesse mais nada que fazer. Melhor seria, então, viciar-me em alguma nova droga ou, com o auxílio de um bilionário orientalista, fazer as malas e viajar mais uma vez para o Nepal.

RelevO

Corretores Automáticos

1 – Socorram-me subi num ônibus em Marrocos é

- a) Um paralelepípedo.
- b) Uma prova de que o trânsito no Brasil ficou insustentável e de que precisamos de mais ciclovias.
- d) Um pedido de socorro.

3 – Os ingressos estão a venda está errado, pois:

- a) É fim do mês.
- b) Não tem Katy Perry.
- c) Acabaram os ingressos.
- d) É fim do mês e acabaram os ingressos pra Katy Perry.

2 – Assistiu o filme apresenta que tipo de falha linguística?

- a) De caráter.
- b) De empatia, pois o cinema está muito caro.
- c) De ortografia, pois minha senha do Netflix é “acessordeimprensa123”
- d) Prefiro o livro.

4 – Quem tem boca, vai à rola é

- a) Uma questão de quem vai e de quem fica.
- b) Uma verdade em Roma.
- c) Uma necessidade.
- d) Imprecisão histórica, pois o original, em latim, grafava “Quem tem boca vaia rola”.

5 – FUCK THE SISTEM é

- a) Uma banda-teste para as Olimpíadas de 2016.
- b) Um hino sobre a frustração de um jovem diante do pênalti.
- c) Uma vontade maior de dizer o que precisa ser dito.
- d) Um grafite universitário.

8 – Aforismo é

- a) Mais uma espécie que infelizmente está entrando em extinção.
- b) A falta da vitamina foris para o desenvolvimento da argumentação.
- c) Filosofia individual de quem costuma recusar pretendentes românticos. Do coloquial 'fora'.
- d) O que é, nunca será mais o mesmo que foi quando chegou.

6 – Independentemente do que você acha está errado pois

- a) Você não acha nada e ainda está procurando aquele comprovante de residência pro cadastro da academia.
- b) Toda opinião é importante, ainda mais nestes tempos confusos.
- c) É tautológico, dado que nenhuma opinião vale algo nestes tempos confusos.
- d) Não trabalho com achismos.

9 – Fui pra igreja doar dinheiro pro pastor é

- a) O mínimo que você poderia fazer.
- b) Estupidez, porque você pode transferir por internet banking sem sair de casa.
- c) Machismo, pois na minha igreja há pastorxs e pastorxs.
- d) Milagre, pois o governo só cerceia meu laissez-faire.

7 – A vista ou à prazo é

- a) Correto afirmar que está tudo certo.
- b) Correto afirmar que está tudo caro.
- c) Uma afronta aos direitos do consumidor que vai pagar no crédito.
- d) Indelicado. Cada um sabe a dor e a beleza de ser o que é.

10 – Deixa disso me dá um cigarro, camarada é

- a) Apologia.
- b) Apelo de pedinte durante a madrugada.
- c) Sinal dos tempos.
- d) Evidência de que precisamos banir poesia das escolas, pois o que será de nossas crianças.
- d2) mas mantenha o respeito.

BOLÍVAR ESCOBAR

O dia em que Tony Ramos infelizmente perdeu o controle

Uma da tarde: Cristóvam tirava a segunda bandeja de linguiça e servia para o resto da família, reunida em torno da grande mesa do churrasco dominical. Michel Teló berrava suas profanidades no rádio instalado no parapeito da janela, e todos davam ótimas risadas com as anedotas contadas por Lúcio Flávio, o tio solteiro de 50 anos.

– Aquela lá, nooooo!!

Todo mundo rindo muito, se divertindo. Cristóvam não podia esperar para finalmente abandonar a picanha assando e continuar o processo de “entortamento” - vulgo, a lenta inserção de álcool em suas veias.

Foi quando estava enfiando o espeto no pedaço de boi morto, que sentiu uma mão masculina, peluda, apertar o seu ombro. Olhou para o lado, e lá estava ele:

– Tony Ramos??

– He he he!! Tudo bom, meu amigo Cristóvam! Vejo que você está aqui hoje, reunido com sua família... –, olhando para a mesa, Tony acenou para a senhora sentada em uma das cadeiras da esquerda, que imediatamente ficou branca de espanto. – Olá, dona Angélica! Bonita a maionese!

– O... obrigado! – respondeu Angélica, lançando um olhar desesperado ao seu marido.

– Pois é, Tony – respondeu Cristóvam, sem jeito. –, Que surpresa você pôr aqui, se eu soubesse que você apareceria de novo eu te... hmmm... ggh...

Cristóvam não conseguiu terminar a frase. O ator global, com um sorriso, apertava seu mamilo com um pouco de força.

– Me fala uma coisa aqui, Cristóvam. Fala aqui pra mim um negócio. Essa carne aí, esse... esse CADÁVER aí que você tá espetando, Cristóvam. É FRIBOI??

Cristóvam gelou. Não era FRIBOI. Sabe deus que porra de carne Angélica tinha comprado. Ouviu as vozes silenciarem-se. Todos sabiam, todos eram cúmplices.

– N... não, senhor Tony... essa é uma... é outra carne que... que a... – o mamilo de Cristóvam já devia estar roxo como uma azeitona preta... ou preto, tanto faz. Tony Ramos largou o churrasqueiro e, com as mãos no bolso, começou a caminhar ao lado da mesa.

– Não é Friboi então.

Silêncio.

– Não é Friboi. Ou é? –, perguntou Tony, inclinando-se próximo ao ouvido de Angélica.

– Não... –, começou Angélica, enquanto chorava. Agarrando a travessa de maionese com as duas mãos, o ator global afastou-se da mesa e atirou-a contra a parede, criando uma chuva de cacos de vidro e pedaços de ovo pelo quintal. Todos se abraçavam, com medo.

– Tony, deixa eu explicar...

– Sabe qual é o problema, Cristóvam? –, interrompeu o ator, com um grito.

– Eu vou te falar qual é o problema, Cristóvam. Dá aqui essa carne. Pega essa porra dessa carne e dá ela aqui pra mim.

Cristóvam removeu a picanha do espeto e estendeu para Tony. Com um chute fortíssimo, o garoto-propaganda da Friboi arremessou o bife por cima do telhado. Depois disso, Tony Ramos ainda correu até a mesa, pegou a bandeja de linguiças e arremessou no quintal do vizinho.

– NÃO ERA FRIBOI TAMBÉM A LINGUIÇA, NÉ, CRISTÓVAM??

Claro que não era Friboi essa merda... essa, essa... –, sem terminar, Tony Ramos, enfurecido, puxou uma das cadeiras e a partiu ao meio com uma joelhada. Suando, o ator começou:

– “Ooolha, lá vem o Tooony... ha ha ha olha como é engraçado o Tony, peludinho, simpático... ha ha ha olha lá o Tony perguntando se é Friboi” Cristóvam, puta que pariu. O que foi que eu falei quando eu vim aqui semana passada?

– Falou que era pra comprar Friboi, sr. Tony.

– Falei. E você fez o que, Cristóvam?

– Eu comprei... outras carnes...

– VOCÊ CAGOU NO PAU, CRISTÓVAM. FOI ISSO QUE VOCÊ FEZ, VOCÊ SENTOU NO MEU PAU E CAGOU NELE, CRISTÓVAM SEU MERDA. SEU FILHO DA PUTA, VOCÊ É UM CAGÃO, CRISTÓVAM. OLHA O QUE EU FAÇO COM ESSA CARNE AQUI, CRISTÓVAM, DÁ AQUI ISSO AQUI QUE VOCEÊ VAI ASSAR, É COSTELINHA, CRISTÓVAM? É COSTELINHA?? OLHA OQ UE EU FAÇO COM ESSA... COM ESSA PORRA AQUI OLHA O QUE EU VOU FAZER

Projetando-se para cima da carne, Tony Ramos foi interrompido pelo tio Lúcio Flávio, que se colocou entre ele e o cunhado.

– Olha aqui, colega. Eu não sei qual é a tua. Não te conheço, não batizei teu filho. Não sou rico, meu carro

é um Tempra 4 portas ano 99. Mas esse churrasco, tu não vai estragar. É melhor tu ir embora antes que a coisa fique feia pro teu lado.

Observando seu oponente nos olhos, Tony Ramos soltou algumas bufadas. Caminhou, de um lado pro outro, encarando Lúcio Flávio, até decidir dar meia volta e sair pelo portão, sem falar nada.

O tio Lúcio Flávio foi até a mesa e abraçou Angélica, que se derramava em lágrimas.

– Calma, minha irmã... ele já foi embora, vamos limpar isso antes que... AAARGH!! –, Lúcio Flávio foi arremessado no chão por um Tony Ramos três vezes mais furioso, dessa vez armado com um taco de golfe. Antes que alguém pudesse se aproximar, ele apontou o objeto esportivo para Cristóvam:

– Olha aqui pra mim, Cristóvam. Olha bem pra minha cara e me responde aqui com sinceridade. Que carninha o senhor vai comprar pra sua família domingo que vem?

– F... Friboi, sr. Tony Ramos! Vou comprar só Friboi!

– Bom... muito bom.. e o que você vai fazer com essa carne de má procedência que você tentou ENFIAR GOELA ABAIXO NOS SEUS ENTES QUERIDOS HOJE?

– Eu vou cavar um buraco no terreno baldio da esquina e vou enterrar ela todinha lá, sr. Tony Ramos.

– Isso, muito bom. Você e o seu cunhado querido aqui no chão vão os dois pegar uma pá e um saco de lixo biodegradável e vão enterrar a carne bem longe daqui, certo?

– Certíssimo, Tony!

– Bom, muito bom.

Abaixando o taco de golfe, o ator caminhou calmamente para fora do portão e foi até o seu carro, estacionado do outro lado da rua. Desativou o alarme, entrou, bateu a porta e ficou em silêncio. Após respirar fundo, falou para si mesmo:

– O próximo que eu pegar hoje e não for Friboi, eu juro que mato.

Sobre crimes, progressões geométricas e aquele problema chato no cinema

JOÃO LUIS JR.

Eu comecei a perceber isso vendo séries policiais, não sei se você tem o hábito de acompanhar. As coisas seguem sempre meio que uma formulazinha. Tem os policiais, que pode ser o policial durão, o policial traumatizado, o policial com sede de vingança, a policial séria com o parceiro engraçadinho, o policial com um parceiro cachorro, aí vai do seu gosto. E aí tem o crime, que vai variar bem dependendo do tipo de série. Pode ser qualquer tipo de crime, o tipo de crime não é importante. Tem os suspeitos, tem as pistas, tem o chefe de polícia que quer tirar o policial do caso – se for policial cachorro pode ter alguma cena de atirar e buscar bolinha, mas nem sempre é policial cachorro. Como eu disse, essas partes não são importantes. Você precisa gostar muito de cachorro pra se preocupar com isso.

Mas uma coisa que sempre tem é a cena do confronto. O suspeito está preso, a polícia tem as provas, mas essas provas são circunstanciais e alguém diz algo como “isso não é o bastante” ou “o promotor não vai aceitar isso”, e nesse momento o detetive precisa fazer o criminoso confessar. E ele entra naquela sala de vidro e ele pressiona e ele fala e ele

tanto faz que o criminoso confessa, certo? Não vamos entrar na discussão de por que o criminoso que foi frio e calculista durante 38 minutos do episódio passa a ter a estrutura emocional de uma órfã da novela Chiquititas na reta final da história; isso também não vem ao caso. Sim, sim, agora vamos finalmente chegar no que vem ao caso.

Quando o criminoso finalmente confessa, o crime quase sempre é consequência e não um fim, não sei se você me entende. Existe uma escalada. Ele não atirou no sócio apenas porque queria ver o sócio morto. Ele atirou porque deu um desfalque, que foi percebido pela estagiária da contabilidade, que ele teve que subornar, que contou pro cara do financeiro, que ele teve que ameaçar, que acabou falando pro sócio, que disse que ia contar tudo pra polícia e aí ele teve que atirar. Notou como as coisas foram escalando?

E é esse o ponto, espero que você perceba. Nenhum crime é isolado, todo crime nasce de uma série de fatores que vão se acumulando, que vão escalando, que partem de uma decisão boba que podia ter sido evitada, uma aposta perdida,

um carro batido, e quando você nota alguém está vendendo ogivas nucleares pros rebeldes chechenos e o Bruce Willis está atirando uma moto num avião, e você se pergunta como foi parar ali. Sim, rebeldes chechenos, foi isso que eu disse. Não, não, é apenas um exemplo.

Mas isso não é apenas pros grandes crimes, percebe? As pequenas coisas também. Todo grande deslize surge de um deslize médio que já foi um deslize pequeno, então toda guerra já foi uma briga de bar, todo término já foi uma falha perdoável, toda batalha campal começou com uma falta despretensiosa perto da lateral. Ou seja, em última análise somos todos reféns de algum pequeno erro que aconteceu e nos colocou numa espécie de carrinho de montanha russa que nos levou até aqui e...como? Se eu estou me justificando? Como assim? Ah, isso? Não, não, nele eu atirei porque ele estava mastigando muito alto dentro do cinema. Isso, nenhum outro motivo. Não, sério, nenhum outro mesmo. Odeio gente que come dentro do cinema. Mas você não me disse ainda: Você acompanha séries policiais ou o seu trabalho tira toda a graça disso?

RelevO apresenta:

UM SEQUESTRO MUITO LOUCO

do dramaturgo Pupu Freitas

Sabe Deus o porquê de Rodolfo estar lendo os classificados do jornal no meio da rua sexta-feira às sete da tarde



Ah, olha só que sapeca! Ele está de olho em alguém...



Martha, ainda sob efeito das drogas, perde-se em pensamentos na frente de uma vitrine de fantasias de Halloween



Cacetada, bicho, que brisa. Olha isso aqui, é o Motoqueiro Fantasma? Ah, porra, é meu reflexo huahahaha que brisa me leva embora Jesuuu--

Encantado pelo olhar vago e distante da donzela, Rodolfo, o Facinora, resolve segui-la.



ENQUANTO ISSO, SEU MARIDO...

Anda logo com essa merda, Fladson. Sete e meia já, mano



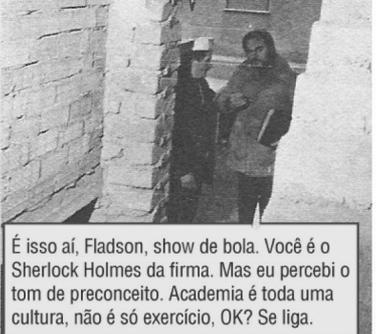
Você não costumava ser assim comigo, chefe. Você me tratava com delicadeza. É a crise, né? Você quer conversar?

Cale a boca, seu lixo. Você não sabe pelo que estou passando

Fala sério, Chefe. Um haltere de supino de 80kg aqui no carrinho, esse cheirão de peido de whey...



...e ainda por cima, todo nervosinho. O Sr. tá frequentando a Sangue, Suor & Lágrimas Academia e Fitness Club for Men, né?



É isso aí, Fladson, show de bola. Você é o Sherlock Holmes da firma. Mas eu percebi o tom de preconceito. Academia é toda uma cultura, não é só exercício, OK? Se liga.

Bom, vou nessa. Hoje é ombro e pernas. E cuidem desse DISJUNTOR!

Flw, Boss! Cuidado pra não criar calo na mão, hahaha



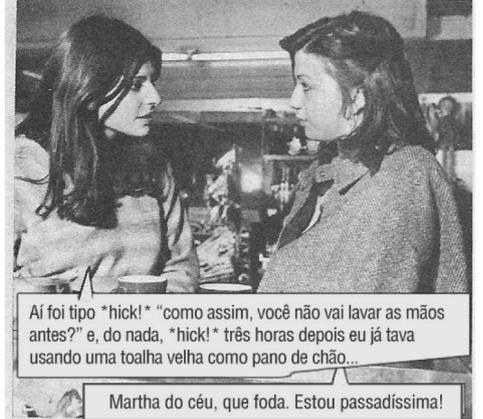
Martha chega em casa cambaleando, cai no sofá e decide ligar para sua amiga Claudia...



Amiga, não tô legal, não sei se foi alucinação ou se de fato um mendigo me perseguiu até em casa. Vem aqui cuidar de mim, chama o SAMU



Ai gente olha que situação. Desde que o Peixoto começou com essa mania de marombeiro você não tá legal, né? É foda ser trocada pela barra fixa, amiga. Em meia hora eu to aí com meia garrafa de Jurupinga e o Nintendo Wii, aguenta firme.



Aí foi tipo "hick!" "como assim, você não vai lavar as mãos antes?" e, do nada, "hick!" três horas depois eu já tava usando uma toalha velha como pano de chão...

Martha do céu, que foda. Estou passadíssima!

Aí ow, cê é minha amiga né. Eu te conheço!! Cê é super "hick!" minha amiga, mano, nossa, eu...



Tá bom, tá bom, vamos embora que esse bafo de cachaça do caralho já tá fazendo as plantinhas da decoração murcharem todas

Rodolfo até então aguardava com um plano maligno em mente...



Sairam de casa! Agora a cobra vai fumar! Agora é que o filho chora e mãe não ouve!

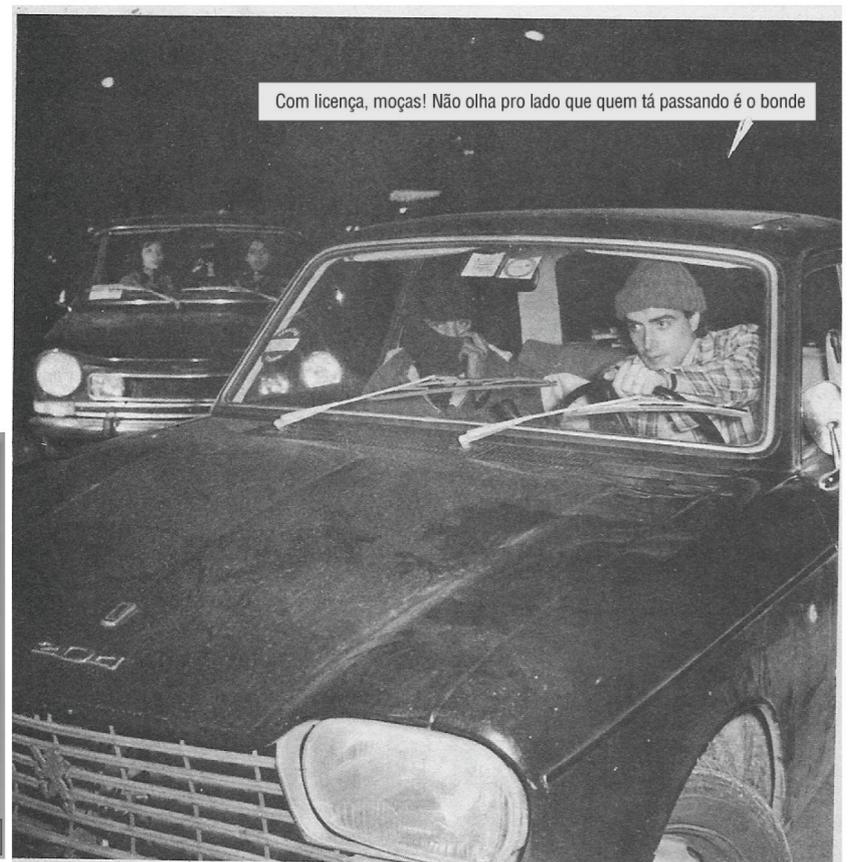
Qual é o plano, chefe? Tô sentado aqui faz 3 horas resolvendo sudoku e tu não me falou nada até agora, pô



Se liga, Rubens, isso aqui que tu vai ver agora eu carinhosamente apelidei de "Manobra GTA San Andreas"

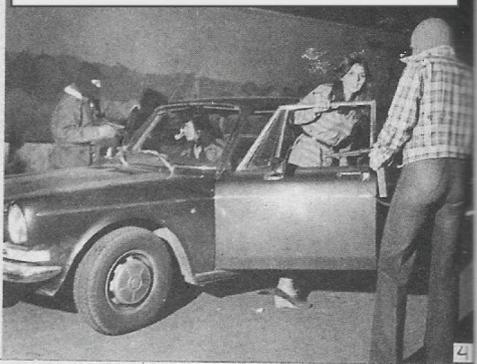
Amiga o que está acontecendo?

Eita, tenho certeza que esse foi o mendigo que me seguiu!



Com licença, moças! Não olha pro lado que quem tá passando é o bonde

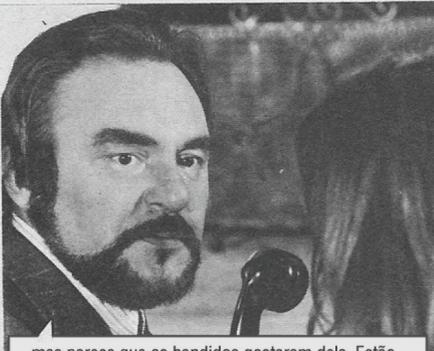
As meninas percebem então que infelizmente estão sendo vítimas da violência que assombra o trabalhador brasileiro...



Por que você está me dando esse telefone, Peixoto?



Olha, broto, os sequestradores não te aguentaram meia hora e te mandaram de volta, esperava que com mais vinte minutos de espera a Martha também voltasse...

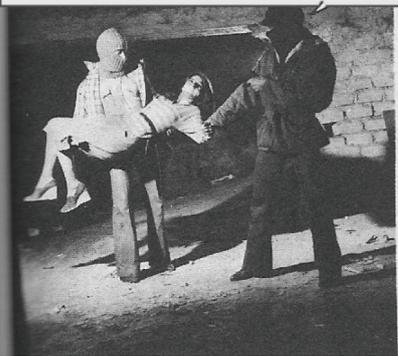


...mas parece que os bandidos gostaram dela. Estão pedindo dois pastéis de carne moída e uma paçoca pelo resgate. Eu aceitaria pagar UM pastel, mas dois...

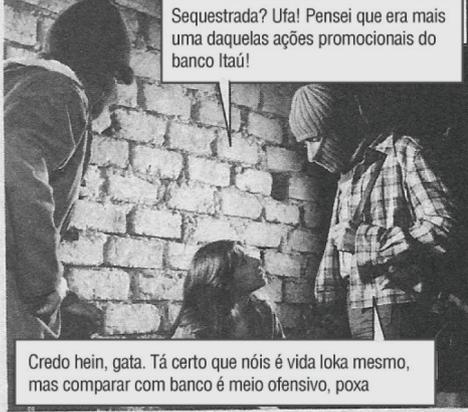
Martha infelizmente desmaia de susto e é levada pelos sequestradores para uma espécie de abrigo subterrâneo



Ela tá acordando, Rodolfo. Leva ela ali pro quarto dos prisioneiros que eu vou passar um café



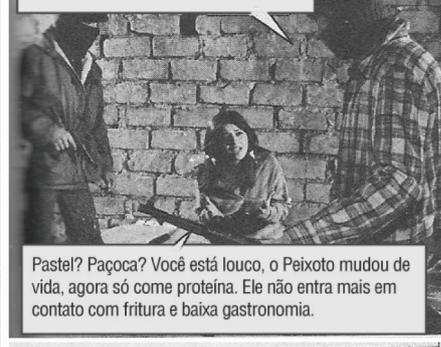
Bom dia, flor do dia! Não se assuste, você foi sequestrada mas nós somos legais



Sequestrada? Ufa! Pensei que era mais uma daquelas ações promocionais do banco Itaú!

Credo hein, gata. Tá certo que nós é vida loka mesmo, mas comparar com banco é meio ofensivo, poxa

Mas vamos ao que interessa: teu maridôvis tem 24 horas pra arrancar 2 pastel e uma paçoca, senão...



Pastel? Paçoca? Você está louco, o Peixoto mudou de vida, agora só come proteína. Ele não entra mais em contato com fritura e baixa gastronomia.

Aliás, seguinte: nem pede resgate não, me deixa aqui quieta que eu to bem de boa. Posso acender um cigarro?

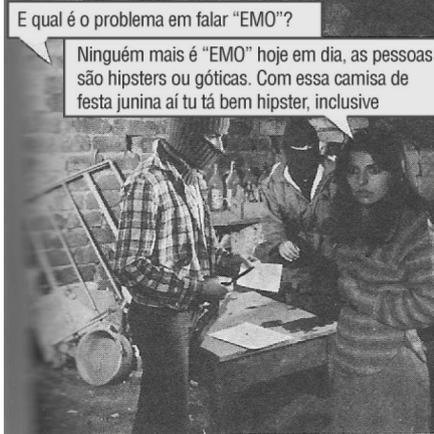


Putá merda, Rubens, pior sequestro da minha carreira de meliante



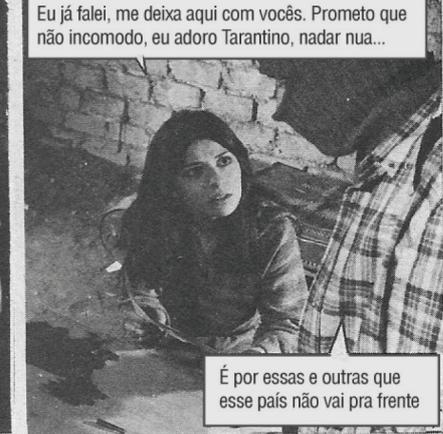
Rodolfo, para de dar trela pra novinha. Escuta, escreve aqui um bilhete bem "emo" pro teu marido se ligar do problema

"EMO"? hahaha, mantida em cativeiro no ano de 2005



E qual é o problema em falar "EMO"?

Ninguém mais é "EMO" hoje em dia, as pessoas são hipsters ou góticas. Com essa camisa de festa junina aí tu tá bem hipster, inclusive



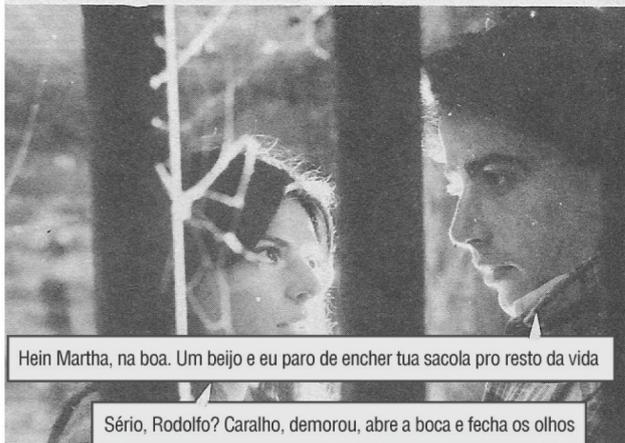
Eu já falei, me deixa aqui com vocês. Prometo que não incomodo, eu adoro Tarantino, nadar nua...

É por essas e outras que esse país não vai pra frente

Após duas semanas de cativeiro, Rodolfo começa a se sentir estranhamente atraído por Martha. Entretanto, o Facinora não parece ser muito versado nas artes da sedução & galanteio...



O marido não a quer de volta. Gata pra caralho. E ainda por cima, a gente aqui, sozinho. É hoje que eu perco meu BV.



Hein Martha, na boa. Um beijo e eu paro de encher tua sacola pro resto da vida

Sério, Rodolfo? Caralho, demorou, abre a boca e fecha os olhos

Parece que rolou, hein galera! Vocês acreditam que na história original ela realmente se apaixonou pelo cara? É a famosa Síndrome de Estocolmo.



Mudando de assunto, o triste Peixoto confere o resultado do exame físico semestral:



19% de gordura. Um jantar no Costelão 24h e lá se vão meses de puxação de ferro...



Hã... fim?

FIM

... ou apenas um novo começo?

questionamentos...

ANÚNCIO DE SHOWS DO MAROON 5 AUMENTA EM 30% A VENDA DE SAPATÊNIS NO PAÍS

A notícia de que a banda americana de soft pop rock Maroon 5 se apresentará no Brasil em março de 2016 conseguiu reaquecer a economia nacional – ao menos, o setor de calçados amistosos. Após o anúncio de seis shows em terras brasileiras, foi registrado um aumento de 30% na venda de sapatênis nas cidades por onde a turnê do grupo irá passar. Os lojistas, claro, estão rindo à toa. Já os compradores que estão adquirindo o calçado veem nisso um bom investimento. “Vale a pena, porque eu só tenho sapato de verdade”, declarou Adolpho Pirineu, bancário, que experimentava, com cara de satisfeito, um par de sapatênis. “E o sapatênis, além do show do Maroon 5, que é uma banda superbacana, eu posso usar num casamento de um parente não tão próximo, no amigo secreto da firma, ou num show do Dave Matthews Band, futuramente”. Mas, considerando que os shows serão apenas no ano que vem, não seria muito cedo para comprar os sapatênis? “É bom comprar agora, assim até março o sapatênis vai afrouxando. E, quanto mais frouxo, mais combina com Maroon 5”, explicou João Vítor Carvalhal, corretor de imóveis.

“Também, com o uso, vai ralando um pouco o sapatênis. Fica mais punkão”, completou, fazendo o sinal dos chifrinhos de Belzebu com os dedos da mão. Liderado pelo vocalista Adam Levine, que interpreta o cantor Daniel na versão americana do programa The Voice Brasil, o Maroon 5, segundo o personal calçador Camillo Lux, captura o verdadeiro espírito do sapatênis. “Assim como esse calçado mistura o classicismo e a elegância do sapato com a alegria e a informalidade do tênis, eles misturam o pop com o rock. Pense no sapato como o Phil Collins, e no tênis, como o Jack Johnson, e então você terá o Maroon 5. Ou pense num ornitorrinco”. Lux já prepara uma linha exclusiva de sapatênis inspirada totalmente na banda. “Estamos lançando a grife Marrom 5, que trabalha o conceito de que o marrom é a cor mais vendida de sapatênis, e que 5 é o número de vezes em que a pessoa consegue usar um sapatênis antes de perceber que não sabe o que diabos é aquilo”. Resta saber se os sapatênis Marrom 5 vão possibilitar ao usuário que ele “moves like Jagger”!

A ponta da escala evolutiva

MARCO ANTONIO SANTOS

Acordei às 6h30. Espremi o suco de um limão num copo e mandei para dentro. Escovei os dentes por vinte minutos. Tomei banho. Meditei.

Telefonei para o Ale, meu sócio. Falamos de memória e de futuro. Do frio da noite. Do dia nublado. Do horário de verão. Sobre telepatia e telecinese. Combinamos de nos encontrar na academia. Queríamos suar as cervejas da outra noite.

Malhamos das 8h às 9h30.

Tomamos café. Comemos frutas. Conversamos sobre diaristas e sobre caridade. Sobre aparências e música pop. Sobre as viagens que faríamos se tivéssemos companhias adequadas.

Assistimos à passagem de som que o Thiago fez. Ele é o astro da novela atual das 21h, e aceitou tocar violão para receber os convidados no lançamento do Elektra, que foi ontem. O cara veio até acompanhado de um quarteto de cordas e de equipe de filmagem. Disse que vai transformar a captação num clipe para o canal dele no Youtube. Ele toca covers e tem carreira na área da música. Preparou entrada com Jeff Buckley, Smiths, Noel Rosa, Zé Ramalho, Cássia Eller, Renato Russo e mais metade da tradição tristonha do cancionário brasileiro. Confirmou o setlist com 15 dias de antecedência, para a gente ter

controle absoluto. Ficamos contentes com sua presença porque eventos com celebridades desse tamanho sempre dão certo. Escrevemos no release, enviado por whatsapp para poucas pessoas, que já começava ali uma “vitória no oceano de derrotas que é a vida”.

Foi convidado quem importa: gente de sobrenome, visionários, empreendedores, hipsters, jornalistas, artistas que dizem sim, traficantes, políticos, enfim, a oligarquia da taba. Algumas das figuras-chave da cidade não apareceram, mas sempre tem alguma coisa mais importante acontecendo em algum lugar.

Nosso conceito está em voga. Devemos ter o primeiro restaurante de Cozinha Psicológica da cidade. São pratos caseiros acompanhados de elementos tensos, como a omelete com a cópia de uma carta de suicídio. O feijão com um olho de porco boiando. A farofa com sal extra. Os cortes de carne são pequenos e feios. A iluminação e o teto são baixos. A decoração é toda feita de retalhos. O cheiro é ruim. Paredes grossas, úmidas, de tijolo. Tapetes baratos, que fazem barulho. O chef elaborou o cardápio junto com o terapeuta - outra sumidade. A aposta é criar experiências de acordo com o humor deles. A ideia está bombando em outras metrópoles.

Estive recentemente em Londres, Paris e Miami, e vi por mim.

Almocei e dormi das 13h às 15h. Acordei no pique.

Os convidados começaram a chegar às 19h. Quando todos estavam acomodados, a comoção se tornou generalizada. As conversas sobre a manutenção de privilégios foram substituídas por pão velho, para todo mundo lembrar de quão dura é a vida. O chef gritou por atenção. Foi atendido e explicou que o mofo fazia parte da proposta. O pessoal aceitou.

Na altura do prato principal, todas as conversas haviam cessado. Arroz puro, branco. Só. Meio mal-temperado. A história que o acompanhava falava da Guerra do Paraguai e de privação de comida. O diretor de redação da SohoCelebs não aguentou a emoção e convidou o Ale para uma exclusiva na área de fumantes. Choraram juntos.

Na volta da entrevista, meu parceiro adentrou o restaurante com uma espada em mãos. Fez uma performance. Recitou um texto em que defendia como era necessário cortar cabeças antes de abrir caminhos.

Aplausos.

Se todas as noites forem como a primeira, o Elektra vai longe. O novo restaurante já é o preferido do board de diretores.

STAND-UP COMEDY SHOW

CLEITINHO AGUIAR

Você vai gozar de rir!



Um dos comediantes de maior sucesso no Brasil.

Autor da famosa piada “O macaco domador de papagaios” e da série “Coisas que eu não entendo: fila do supermercado, arroz por cima do feijão e teoria da retrocausalidade”.

“Gozei demais!
No fim do show
era gozo pra
todo lado.”

Anita Magalhães
Datilógrafa

“Ri tanto que, sem
querer, gozei na
minha própria
boca.”

Jefferson Mendes
Cheff de Cuisine

“Infelizmente não
aguentei e gozei
na fila, antes de
entrar no teatro.”

Hans Schneider
Repórter do jornal alemão
Der Spiegel

“Ri. Gargalhei.
Chorei. Gozei.
Como é bom ser.
Jovem. Dar risada.”

Ana Paula dos Anjos
Estudante de Letras

“Nunca tive essa
experiência antes,
'gozar de tanto rir'.
Recomendo!”

Renatão
Flautista (soprano)

Vai ficar aí em casa parado? Venha gozar com a gente!

**INGRESSOS
LIMITADOS**

À venda nas livrarias
das capitais, na seção
de esoterismo

Organização:



Pura Bucha

EVENTOS

Patrocínio:



CASA DE CARNES
Boi Bem Morto

CAMILA VON HOLDEFER

Onde cantam os pássaros – Evie Wyld

Boa parte dos elogios escolhidos ou encomendados pelas editoras com a finalidade de transformar um livro num produto atraente são exagerados. Poucos, no entanto, são tão delirantes quanto os que a DarkSide (não há reprovação aqui) selecionou para a contracapa de *Onde cantam os pássaros*. Antes de mostrar a realidade do livro, as citações revelam uma crítica literária pouco consciente de sua função.

Entre o gostar e o desgostar há, é claro, um amplo espectro de apreciação — que admite, em diferentes graus, a resposta subjetiva. A comparação, entretanto, pede bases concretas. Aquilo que se diz deve fazer sentido. Daí o espanto com o paralelo traçado por William Boyd entre o livro de Evie Wyld e “o melhor de Nabokov”. Ou com a resenha do *The Spectator*, que achou justo relacionar *Onde cantam os pássaros* aos “primeiros romances de Ian McEwan”.

É surpreendente que *Onde cantam os pássaros* não seja o trabalho de estreia da autora — já que, percebe-se, reúne todas as falhas de um original em que o romancista em formação testa suas possibilidades sem, no entanto, prestar atenção ao ritmo, à transição entre os capítulos, à acuidade das descrições. Digo

original de forma consciente, já que o livro não parece ter passado por uma boa edição. No fundo, o resultado obtido por Wyld é ainda mais precário do que aquele que um estreador, se bem orientado, poderia alcançar. Ao contrário do que costuma acontecer com a maioria dos novatos que têm seus trabalhos lapidados, as falhas de sua escrita não são apenas pontuais. Antes de escorregar aqui e ali, a narração não chega a deslanchar em momento algum. Além da dificuldade de movimentar os personagens em cena, Wyld, o que é tão ou mais grave, foi incapaz fornecer uma base sólida para o livro.

A trama é simples. Uma jovem mulher australiana, Jake, deixa o país de origem para se instalar em uma ilha da Grã-Bretanha. Isolada em uma fazenda, Jake cria ovelhas. Em dado momento, seus animais começam a aparecer mortos, um a um, com claros sinais de violência. Encontrar o responsável pelos ataques, que pode ser humano ou animal, é o objetivo imediato da personagem.

Onde cantam os pássaros é vendido como um suspense que se ocupa do tal mistério das mortes das ovelhas. É um erro. O livro não pode ser considerado um suspense. Qualquer

rótulo, se rótulos são mesmo desejáveis, parece não se encaixar — inclusive o de “literatura”. No fundo, a narrativa de Evie Wyld não é nada além de uma sucessão de capítulos atozes e descosturados, sem coerência interna ou ritmo, com um arremedo de tensão mantido, ainda que a duras penas, tanto às custas de um evento presente que mal e mal é mencionado (o assassinato das ovelhas) quanto do passado (representado, acima de tudo, pelas cicatrizes que Jake exhibe nas costas).

O livro alterna duas linhas narrativas. Uma, que mostra as baixas no rebanho, é linear e marca o presente da trama. Outra retrocede cada vez mais para o passado de Jake na Austrália, do mais recente ao mais remoto, chegando aos eventos que deram origem à sua personalidade arredia e insegura, além das famigeradas cicatrizes. Não é um recurso novo. Para ficar no exemplo mais recente, basta evocar *Os luminares*, romance da neozelandesa Eleanor Catton — no vencedor do Man Booker Prize de 2014, a trama também recua para o passado até se esgotar, consumindo-se na própria repetição. A diferença é que Catton, narradora competente e com um bom fôlego, alcançou um resultado

próximo ao excelente. No caso de Wyld, a impressão que se tem é a de que o livro foi escrito de forma linear e em seguida recortado, tendo sua ordem invertida. Na reunião dos capítulos, não houve uma revisão criteriosa da passagem das cenas. O resultado é um avançar truncado, de um amadorismo constrangedor.

Wyld, que integra a *Granta* britânica (se ela entrou, penso nos que ficaram de fora), é, sem exagero, praticamente incapaz de narrar *uma* cena de forma satisfatória. Se um autor não consegue trabalhar num único quadro, é inútil esperar que seja bem-sucedido no encadeamento de vários deles. E, bingo, o encadeamento de *Onde cantam os pássaros* é terrível. Sequer se pode acusar Evie Wyld de falta de sutileza: seu problema, aqui, é a absoluta falta de competência.

Talvez o melhor adjetivo para descrever a narração de Wyld seja artificial. Profundamente *artificial* — o que, antes de indicar um trabalho complexo com a linguagem, indica uma falha séria. Jake é uma protagonista apática e, como não faltam exemplos na literatura, uma narradora pouco ou nada confiável. A apatia deriva de um passado repleto de acontecimentos traumáticos. O pouco crédito que se pode dar a ela

é consequência de uma, digamos, perturbação causada pelos mesmos eventos. Wyld, no entanto, não consegue assinalar nada disso. A apatia da protagonista resulta não em uma escrita crua, mas em um monólogo em geral maçante e sem qualquer atrativo. Quase não há reminiscências, mesmo quando os capítulos descrevem a vida pregressa da personagem. Toda ação, inclusive a que utiliza o verbo no passado, é executada num presente imediato e estéril, resultando em uma sucessão de trivialidades — descrições de cenários e ações que inventariam, sem outro propósito que não preencher páginas e arrastar a trama, objetos e movimentos inúteis, muitos e muitos deles. A resolução é adiada, mas sem que com isso haja, entre a criação e a dissolução do arremedo de tensão, *literatura*. Os diálogos são primários, e boa parte é descartável. Metade do livro poderia ser eliminada sem prejuízo. Na verdade, a narrativa inteira.

A impressão que se tem é que a própria autora desistiu de trabalhar no livro. Wyld não se deu sequer o trabalho de examinar a trama, já que, no geral, as contas não fecham. É fácil determinar que a ambiguidade não é uma escolha, mas mera consequência de uma escrita capenga. Isso acontece em dois níveis: tanto nas cenas, na descrição canhestra e truncada, quanto no momento em que se analisa, à distância, a cadeia de causa e efeito dos eventos.

Há muitas e muitas pontas soltas. Quando Jake deveria soar confusa, é a narração que soa assim — e não de um jeito positivo, uma vez que nada parece deliberado. Ora o ritmo é apressado, ora é excessivamente lento. Quando deveria correr, se arrasta; quando a cena pede calma, Wyld pisa no acelerador. Além de

não ligar para a cadência da escrita, a autora não consegue marcar o tempo interno da trama — ou, que seja, a confusão da protagonista com o tempo. *Onde cantam os pássaros* é irregular na pior acepção do termo. Num livro que depende tanto da tensão, é vergonhoso constatar a completa falta de habilidade da autora para elaborá-la. Se não fossem os dois mistérios iniciais, ambos ruins, nada se sustentaria. Nas cenas, os elementos de suspense não vão sendo sugeridos ou entregues aos poucos — são, ao contrário, jogados sem qualquer critério no meio de um parágrafo, da forma mais abrupta e anticlimática possível.

As metáforas e comparações são atrozes — são tão batidas e de mau gosto que lembram as de Sylvia Plath no superestimado *A redoma de vidro*. Uma mulher usando um vestido com um laço sugere um “presente pronto para ser desembulhado”. Um sujeito ostenta “uma expressão de que poderia comer alguém com os olhos”. Em dado momento, Jake diz que seus ossos doem “como um navio rangendo”. Da primeira à última página, em detalhes e recursos variados, o clichê está lá. O cachorro de Jake se chama “Cão”. Se algo tem potencial de afligi-la, Jake, vezes sem conta, tenta “não pensar sobre aquilo”. Afinal, um narrador que pensa dá trabalho.

E, é claro, o que é ruim sempre pode piorar. Ou o sujeito sabe o que está fazendo, ou seu livro está automaticamente arruinado quando ele decide pintar um homem xucro — suado, arredio e misterioso, com os cabelos revoltos ao vento, preferencialmente ficando grisalhos, que guarda uma sabedoria profunda das *coisas do mundo* — como uma figura sexy. O personagem deve

cobiçar a mocinha, porque, apesar da rispidez ou da falta de rodeios com que ela diz as coisas, já que ela obviamente é dura na queda, uma vez que passou por poucas e boas, e apesar da pouca hospitalidade que ela oferece, enfim, apesar disso tudo, ele vai desejá-la e ela, depois de lutar contra o próprio desejo, vai corresponder. Todos já vimos isso antes. O homem xucro-sedutor-de-peito-descoberto e a mulher indelicada são mais do que a fina flor da subliteratura: são sua matéria-prima. No primeiro encontro, que obviamente é malsucedido, já é possível visualizar os dois rolando no feno ao som de “Cotton-Eye Joe”. É o clichê do clichê, a tal ponto que só funcionaria, hoje, como caricatura, ou, ao contrário, graças à habilidade de um romancista com pouca disposição para o humor.

Em *Onde cantam os pássaros*, o homem xucro é um andarilho, ou algo próximo disso, chamado Lloyd. Vindo não se sabe de onde, ele aparece na fazenda de ovelhas. Seu passado permanece uma incógnita e, graças a isso, suas ações são mais ou menos incompreensíveis. Lloyd vai se deixando ficar. Jake, embora não admita, gosta de tê-lo por perto. É evidente que o personagem funciona como uma oportunidade de redenção para Jake — a *redenção pelo amor*. Num livro em que só há cenas deploráveis, aquelas em que Lloyd aparecem conseguem ser as piores. Ou são sem sentido e arrastadas, ou são como esta: “Lloyd saiu do banheiro com a toalha enrolada na altura do abdome. Tentei não olhar para suas partes nuas, mas eram a maioria. Havia muito pelo em seu peito, alguns grisalhos. Caminhou devagar em minha direção e senti o

desespero de ver aquela toalha cair”.

Romances de banca de jornal, a subliteratura encarnada, sabem bem o que são e o que seus leitores esperam. Dificilmente fogem muito do script e não têm pretensões elevadas. O mesmo ocorre os clássicos do suspense. *Onde cantam os pássaros*, no entanto, escapa das classificações mais óbvias — o que seria positivo, e até desejável, não fosse o fato de que a impossibilidade de rotulá-lo deriva não de inovações formais ou de combinações interessantes, mas do fracasso da autora em dar um sentido e um formato para a narrativa. Muito me preocupa a crítica e o júri que não percebe a diferença entre um autor que entrega situações abertas a diferentes interpretações, o que sempre pode favorecer um livro, e um autor visivelmente picareta. Apontar certos defeitos na escrita nem sempre é uma questão de opinião. É gritante o quanto Wyld não soube estruturar e desenvolver uma trama.

Junte a isso uma tradução que deixa a desejar e uma revisão sofrível, incapaz, entre os muitos outros erros que ignora, de diferenciar “mau” de “mal”. Se o livro é pavoroso em inglês, posso garantir que ficou ainda pior em português.

Na sinopse do livro disponível nos sites de algumas livrarias, a DarkSide garante que “também é [uma editora de] alta literatura”. Até pode ser, desde que não utilize *Onde cantam os pássaros* como a prova do investimento em um catálogo de qualidade. Para que se possa considerar *Onde cantam os pássaros* um romance ruim, seria preciso submetê-lo a uma revisão longa e cansativa. Por enquanto, a incursão horrenda de Evie Wyld na escrita pode ser qualquer coisa, menos literatura.

Contando azulejos

A poética do cotidiano na era do Prozac

Daniel Osiecki

O conceito de prosa poética está desgastado e virou uma espécie de clichê acadêmico que poucos sabem definir ou precisar. Há alguns estudos de Alfredo Bosi, Eduardo Lourenço e Temístocles Linhares sobre esse conceito que remete ao século 19, com Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé. Se levarmos em consideração que a prosa poética seria uma espécie de narrativa com elementos líricos ou poesia com elementos narrativos, como definiu Luísa Benvinda Pereira Álvares, há exemplos diversos na literatura brasileira, como Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Raduan Nassar e Clarice Lispector, só para citar alguns.

Naturalmente, para a chamada prosa poética atingir esse status com eficiência, há de se dominar as técnicas narrativas e poéticas, o que nem sempre acontece, e o resultado parece uma espécie de experimentação vazia, com formas vazias.

A autora curitibana Maria Helena Macedo publicou *Contando azulejos* (Máquina de Escrever, 2014, 218p.), volume de contos que de certa forma flerta com a prosa poética, porém nem sempre acertando na dose. O que seria prosa poética acaba se tornando forma vazia, com elementos *nonsense* bastante cansativos de se ler ainda na metade do livro. Os contos curtos, geralmente uma página, muitas vezes retratam pequenas banalidades do cotidiano pretensamente poéticas, mas que parecem ser apenas devaneios de algum parvo, ébrio ou solitário deprimido. É o retrato da obviedade que leva a um minimalismo que, sem esforço e sem fôlego, não se sustenta.

Nota-se em alguns contos uma tentativa de traçar um perfil da mulher contemporânea, como se só

fosse possível à base da psicanálise e do Prozac, como em “Drageas”. Já no conto “Lenço de bolso”, há uma espécie de natureza morta narrativa, ou seja, apenas um ornamento, um formato vazio retratado no papel que, mesmo curto, é cansativo e enfadonho.

Entretanto, a leitura de *Contando azulejos* não é de todo perdida, pois há o ótimo “Estampa”, um bom exemplo de autêntica prosa poética, sem cair no clichê pseudo-experimental tão presente em outros contos, como se houvesse uma narradora um tanto *blasé* que aponta tudo e todos. Mais adiante há outro conto muito bom, o melhor do livro: “O deslocamento”, com excelentes descrições e diferentes planos de ação, como devaneios, pesadelo, atmosfera onírica. A autora prende o leitor até a última linha pelo clímax, que na verdade não existe – e nada acontece. Bela sacada.

A questão do lembrar é muito relevante no livro. A memória como instrumento de ação é o *leitmotiv* em vários contos do livro, ao estilo de Bergson e Proust, salvas as devidas proporções. A linguagem bastante objetiva e sintética dos contos iniciais, praticamente sem adjetivos, é muito bem explorada por Maria Helena, mas acaba se perdendo pelo caminho, prejudicando o livro como unidade.

Contando azulejos é um bom início, com muitos desencontros estilísticos. Contudo, percebe-se uma autora consciente de alguns aspectos narrativos que fazem com que o material tenha alguns acertos. Infelizmente, o livro não está à altura da bela edição da Máquina de Escrever, embora os percalços possam ser resolvidos se a autora continuar insistindo em dominar a técnica, a qual pode vir a ser alcançada.

Tão breve quanto o agora

Ademir Demarchi

Uma das mais importantes heranças da cultura japonesa para o Brasil, em especial para o Paraná, foi a forma poética do haikai. Guilherme de Almeida é tido como um dos pioneiros a experimentá-la, assim como Millôr Fernandes, que deu ao haikai um sentido mais abasileirado, em que predomina o senso de humor irônico, em contraste com a marca desse poema, dada pela observação ingênua da natureza, à exceção talvez de mestres como Bashô, sagaz na escrita e na observação. Leminski, com sua poética quase frasista, à moda dos anúncios publicitários, de que foi profissional, deu um modo próprio a esse gênero de poema, a ponto dele ter se transformado numa espécie de praga que se inoculou em todo aquele que pensou em escrever poemas nas últimas décadas. Pode-se dizer até que há duas vertentes em ação no país, uma mais apegada à forte tradição cultural japonesa, que busca repetir o número de versos e sílabas e a observação da natureza, típicas desses poemas, e outra, mais abasileirada, que remete à experiência de Millôr Fernandes e à antropofagia oswaldiana que devora o modelo e o deglute com humor, que se avizinha do poema-piada estigmatizado pelos críticos do modernismo, como se essa não fosse uma forma de poética aceitável. Depois de Leminski, Antonio Thadeu Wojciechowski e Domingos Pellegrini tiveram experiências marcantes com essa forma literária, a ponto de Pellegrini buscar uma variação pé vermelho, criando os “haicaipiras”. Essa segunda vertente que abasileira antropofagicamente aquela forma japonesa é a que mais potencial apresenta, na medida em que é crítica

e abole a ingenuidade com o senso de humor. Por demandar uma inteligência arguta e atenta de quem a pratica, é mais difícil, mas nem por isso tem deixado de proporcionar ótimos resultados. Isso tudo podemos constatar no belo *Tão breve quanto o agora*, de Alvaro Posselt, professor de Língua Portuguesa, estudioso do haikai e praticante das duas formas apontadas. O senso de observação, o senso de humor, a argúcia são qualidades comprovadas nesse livro, daí que selecionei alguns dos que mais me agradaram e deixo o leitor agora com os haicais de Alvaro Posselt, e a sugestão de que pode buscá-lo no Facebook, onde o encontrei.

Pode ver a métrica
Para moldar estes versos
só com serra elétrica

*

Para não perder o clima
peguei o verso de baixo
e rimei com o de cima

*

Eu juro de pé junto
Com o calor na capela
suava até o defunto

*

A vida não tem fim
Entre túmulos e flores
uma caveira acenou pra mim

*

Não se empolgue
Na minha feijoada
só a orelha de Van Gogh

*

Esta vida é um mistério
Perto da maternidade
também tem um cemitério

*

Temporal divino
Para ir a algum lugar
só de submarino

Amigos demais nas redes sociais II

ANA GUADALUPE

amizade na infância é útil
há tempo de sobra e a casa
do amigo talvez tenha mais brinquedos
pais mais equilibrados biscoito recheado
anos depois manter um amigo
pode determinar uma agenda difícil
aborrecimento com seus novos discursos
fotos em exagero de frente pro mar

